

**Luis Alberto Brandão – Teorias do espaço literário**  
São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Fapemig, 2013

Gabriel Estides Delgado<sup>1</sup>

Ainda que não sublinhe ostensivamente suas predileções no amplo painel conceitual que oferece ao leitor em *Teorias do espaço literário*, Luis Alberto Brandão parece calcar seu entendimento de literatura nas variações e desvios – heterotopias, como nomeia Michel Foucault (2013 [1984]) – que vêm desestabilizar imaginários enrijecidos pelo controle e recalque cotidianos. Tal ideia, muito difundida, é tendencialmente idealista e encontra forte propulsor no Roland Barthes de *Aula*: “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*” (Barthes, s. d. [1978], p. 16). No Brasil, o raciocínio recebe sua melhor lapidação nas mãos de Graciliano Ramos (em notória frase de *Memórias do cárcere*): “começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer” (Ramos, 2001 [1953], p. 34). Mesmo que se atenha à força coercitiva da língua, assim como Barthes (s. d. [1978], p. 15) – “em cada signo dorme este monstro: um estereótipo” –, Graciliano indica a possibilidade de movimento pelo desembaraço criativo. E é sobretudo a este que Brandão quer ratificar.

Ao produzir abrangente introdução ao modo como o conceito de espaço é abordado pela teoria da literatura, indo do formalismo ao entendimento de base recepcional, passando pela escola desconstrucionista e pelas abordagens culturalistas, o autor opta por pontuar a contribuição de cada pensamento para o repertório de uma exegese espacial da literatura. Evita, assim, pelo colorido enciclopédico, formulações verticais. Fora a súpula das tendências analíticas, Brandão elege textos de Barthes, Foucault, Lefebvre, Bachelard, Bakhtin e Benjamin como exemplos de diferentes leituras do espaço. Dos seis autores, o leitor deve formar seu amálgama prismático. “Para Henri Lefebvre, o espaço é concebido como produção social; para Roland Barthes, como sistema de linguagem; para Michel Foucault, segundo a

---

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: gabrielestides@gmail.com

diferença em relação aos espaços instituídos” (Brandão, 2013, p. 78). No esforço fenomenológico de Gaston Bachelard, espaço é imagem arquetípica; para a compreensão política de Mikhail Bakhtin, espaço é imagem histórica; e, por fim, no projeto intelectual de Walter Benjamin, espaço é imagem dialética.

Brandão faz leitura ponderada dos diversos textos escolhidos, apontando, aqui e ali, lacunas e fragilidades, como a falta de clareza metodológica em “*Sémiologie et urbanisme*” (“semiologia e urbanismo”), de Roland Barthes. Se, à maneira de Lefebvre, que identifica uso disseminado e, ao mesmo tempo, incerto do termo espaço – “espaço disso”, “espaço daquilo”, “espaço literário”, “espaços ideológicos” (cf. Brandão, 2013, p. 81-82) –, Barthes afirma a necessidade de transformar a metáfora em análise, seus argumentos, contraditoriamente, pecam pela indeterminação que, segundo o crítico mineiro, vigoraria em toda abordagem semiológica:

O problema [...] pode ser formulado do seguinte modo: quais as consequências de se atribuir, a determinado objeto ou evento, a estrutura de discurso, em especial a de discurso verbal, mesmo que a atribuição se dê de modo abrangente, como em termos de sintaxe, ou de “sistema organizativo”? A atribuição não ocorre meramente no nível metafórico? (Brandão, 2013, p. 82).

A ponderação sistemática de Brandão burila as ideias que apresenta e confere ao leitor o sentimento pacificado de domínio de repertório. Sem pretender anular qualquer das vertentes teóricas levantadas, a ideia é de acúmulo de ferramentas analíticas, elegendo de cada escola suas melhores contribuições e descartando os excessos. Estes, no entanto, em sua grande maioria, só aparecem como tais na comparação com outras orientações epistemológicas, como na crítica de Lefebvre (1986) ao estruturalismo, corrente à qual o autor marxista imputa a “eliminação do sujeito (sobretudo o social) e a supervalorização de categorias mentais abstratas” (p. 76). O procedimento comparativo exige Brandão de posicionar-se frontalmente nessa primeira parte de seu livro. Temos, pois, texto de consulta imparcial; ampla, mas plana cartografia teórica, ainda que brilhantemente concatenada.

Edifício teórico erigido, o autor passa, na segunda e terceira seções de *Teorias do espaço literário*, à análise de textos de Jorge Luis Borges, Elizabeth Bishop, Guilherme de Almeida, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Rafael Courtoisie, Machado de

Assis, Rubem Fonseca, Sérgio Sant'Anna e João Gilberto Noll. A rica variedade de poéticas dos autores escolhidos é iluminada pelo vasto instrumental já sob o domínio do leitor, mas que ainda assim é completado por outras oportunas referências, como no capítulo “O espaço segundo a crítica”, em que Brandão apresenta inúmeras leituras espaciais da obra de Guimarães Rosa. Também contundente é a análise da dinâmica teatral em “Corpos em cena”, onde, à luz da obra de Charles Sanders Peirce, o autor define que o caráter icônico, primeiro, de apresentação dos corpos no teatro transvaza<sup>2</sup> o caráter simbólico, terceiro, de representação ficcional.

No evento teatral, a presença dos corpos é mediada por duas camadas de signos. Uma delas é a ficcionalidade, o propósito convencional que, naquela circunstância específica justifica e motiva a atuação dos corpos. A segunda é a própria percepção dos corpos. Entretanto [...], as camadas não se fundem, ou seja, a percepção do corpo do ator não está subordinada à convenção que rege a ideia de personagem, e sim é coexistente, paralela a tal convenção. [...] Daí o efeito de uma primeiridade que se impõe, e não apenas se sujeita, à terceiridade no teatro. (Brandão, 2013, p. 231).

As partes de crítica literária em *Teorias do espaço literário*, mesmo que iluminadas pelo amplo e diverso arcabouço teórico do começo do livro ganham autonomia e linha de força próprias, predominantemente unívocas. É que privilegiam, como dito, a partir da forma narrativa, aspectos de desestabilização e/ou transformação dos espaços instituídos, isto é, busca-se provar a vocação heterotópica da literatura (p. 66). Exposta aqui sob nomenclatura foucaultiana, tal ideia é hegemônica nos estudos especializados. Seduz por tomar a escrita como terceira via, capaz de descolar-se dos lugares comuns.

É assim em “Leituras do espaço”, segundo ato do livro, em que o crítico focaliza atributos de desordenação textual, capazes de se impor ao jogo de espacialidades prévias. Na obra de Borges, o autor enxerga a “proliferação de simulacros que desestabiliza a ordem do real” (p. 116); na “hidrografia” poética de Bishop, a infiltração da água “na concretude dos solos, tornando-os porosos, inoculando dinâmicas, impondo a mutabilidade” (p. 133); na crônica de Lispector sobre Brasília, a “hesitação”,

<sup>2</sup> “O evento teatral é feito de excessos. [...] Do excesso de corpo que transvaza da ficção” (Brandão, 2013, p. 235).

os “erros”, a “desorientação” da forma textual, que se delineiam como contrapartida à “presunção, essencial no projeto de Brasília, de perfeição urbana”, à “vocação classificadora e normativa” e ao “ímpeto de regulação de todos os aspectos da vida social” (p. 154); na poesia de Cabral também a respeito de Brasília, a “porosidade da tradição colonial” entremeada às “pretensas concretude e coesão do projeto modernizador” (p. 155); e, na imaginação espacial de Courtoisie, “figuras da instabilidade”, cujo interesse é “pela zona onde não se podem distinguir o que é possível e o que não é, zona em que princípios supostamente inatacáveis, como a irreversibilidade do tempo, a causalidade, a própria existência, podem ser desacatados” (p. 184).

Os comentários, vistos assim, em conjunto, demonstram a abordagem elogiosa dos textos escolhidos. Há momentos de contestação de análises que vieram a se tornar hegemônicas sobre algumas das obras tratadas, como quando Brandão afirma que os comentários relativos a *Grande sertão: veredas*, boa parte voltados à tarefa idealizadora de atestar uma suposta universalidade do livro e genialidade de seu autor, preveem “forte influência das concepções que o próprio Guimarães Rosa difundia a respeito de sua obra” (p. 172). Mas tais posicionamentos quase que desaparecem em meio ao restante das críticas. Em outra passagem, Brandão escreve, segundo terminologia cara a Gilles Deleuze e Félix Guattari, sobre o “inevitável ordenamento da linguagem verbal, o irrecusável poder ‘estriador’ do espaço literário”, mas apenas como base contrastiva à “propensão ‘alisadora’” desse mesmo espaço (p. 69). Assim, deixa claro qual dos termos da equação lhe interessa e, ainda que sublinhe os vetores ideológicos da maquinaria escritural, sua dimensão propriamente reprodutora das coerções linguísticas e extralinguísticas, prefere crer na “suspensão dos códigos ordenadores”.

Em “Espaços do corpo”, terceira e última parte de *Teorias do espaço literário*, a atenção se volta majoritariamente para as obras de dois dos mais originais escritores brasileiros contemporâneos: Sérgio Sant’Anna e João Gilberto Noll. Tanto a complexa trama metalinguística de Sant’Anna quanto a escrita pulsional de Noll servem à variabilidade, fluidez e divergência de sentidos tão caras ao modelo de vocação ou propensão literária que se quer provar. A respeito de “Conto (não conto)”, de Sant’Anna, Brandão afirma:

[O]s elementos narrativos básicos – sujeitos, espaços e tempos – se apresentam como pura projeção de potencialidades que se assumem como tal, o que significa que estão em constante dissipação. O único elemento que preserva alguma continuidade é a voz narrativa, mas mesmo esta é hesitante, interrogativa, mero ensaio de voz (Brandão, 2013, p. 221).

Já no comentário a *Acenos e afagos*, de Noll, ressalta-se a prática do texto “como puro ritmo, como pulsação” a rebater apreensões meramente intelectivas e racionais (p. 254 e p. 260). No que tange ao narrador do romance, destaca-se que a unidade de sua voz, inequívoca apenas em princípio, só se preserva “à medida que expõe o risco de se dispersar” (p. 255).

Entusiasta das poéticas de ruptura, Brandão transpõe fronteiras ao considerar “imprescindivelmente articuláveis a empreitada teórica, a crítica e a ficcional” (p. 14), o que o leva a fechar cada uma das três partes de seu livro com pequenos exercícios de escrita literária. Chamados de “excursos ficcionais”, esses textos têm a missão de rediscutir, em frequência figurativa, as abordagens abstratas que os prepararam. No entanto, estranhas a quase toda produção teórica e crítica, que costuma manter-se atida ao próprio espaço, as incursões ficcionais de Brandão não levam em conta a suficiência dos modelos literários já investigados no livro. Fora sua prescindibilidade, tais textos pecam pelo cacoete explicativo que ostentam. Assim, no excurso ficcional II, por exemplo, delineia-se a figura algo pueril de um ser pertencente ao mundo dos livros, cujo habitat é em meio às palavras e limites de uma página. A trama serve bem à visualização de uma possível autonomia espacial da linguagem, com suas próprias condições, mesmo que para tanto tenha de recorrer a metáforas. Em determinado momento, o “ser” da linguagem afirma: “Já ouvi histórias sobre seres poderosos que de algum lugar difuso se interessam pelo que ocorre nos livros” (p. 202). Não seria necessário, de modo algum, explicitar o que jaz claramente subentendido na frase. Mas não é possível conter as expansões explanadoras de um texto essencialmente instrumental: “Todo mundo já ouviu falar de deuses cujos nomes, de tão perfeitos, nunca deveriam ser ditos, mas que os cidadãos mais céticos, categoria na qual me incluo, ousam pronunciar: os deuses-leitores”. Compromete-se, dessa maneira, a fluidez da leitura, que, ora, também clama por autonomia.

Tais momentos, contudo, não são capazes de enfraquecer o fôlego prospectivo do levantamento teórico que, ao lado da sensibilidade e erudição das investigações críticas, sedimenta a importância de *Teorias do espaço literário*.

## Referências

BARTHES, Roland (s.d. [1978]). *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix.

FOUCAULT, Michel (2013 [1984]). Outros espaços. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos por Manoel Barros de Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

LEFEBVRE, Henri (1986). *Dessein de l'ouvrage*. In: \_\_\_\_\_. *La production de l'espace*. 3. ed. Paris: Anthopos.

RAMOS, Graciliano (2001 [1953]). *Memórias do cárcere*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record. v. 1.